



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

MARIA GORET DINIZ GOMES

**O PAPEL DO PROFESSOR(A) NA LEITURA E NA
ESCRITA NA ALFABETIZAÇÃO: 3º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

JOÃO PESSOA – PB
2014

MARIA GORET DINIZ GOMES

**O PAPEL DO PROFESSOR(A) NA LEITURA E NA ESCRITA NA
ALFABETIZAÇÃO: 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Especialista.

Orientadora: Profa. Ma. Simone Joaquim Cavalcante

JOÃO PESSOA – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

G633p Gomes, Maria Gorei Diniz
O papel do professor (a) na leitura e na escrita na
alfabetização: 3º ano do Ensino Fundamental (manuscrito) ; /
Maria Gorei Diniz Gomes. - 2014.
30 p. : il.
Digitado.
Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação:
práticas pedagógicas interdisciplinares) - Universidade Estadual da
Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à
Distância, 2014.
Orientação: Profa. Ma. Simone Joaquim Cavalcanti,
Departamento de História.
1. Alfabetização. 2. Leitura. 3. Escrita. I. Título.
21. ed. CDU 3/2.6

MARIA GORET DINIZ GOMES

**O PAPEL DO PROFESSOR(A) NA LETURA E NA ESCRITA NA
ALFABETIZAÇÃO: 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Especialista.

Aprovada em: 19.07.2016


Prof. Ma. Simone Joaquim Cavalcante – UEPB
Orientadora


Prof. Ma. Izandra Falcão Gomes – UEPB
Examinadora


Prof. Esp. Wallene de Oliveira Cavalcante – UEPB
Examinador

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, a minha mãe Maria José de Farias (in memoriam), as minhas filhas e ao meu esposo que sempre me apoiaram nesta jornada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelas oportunidades de adquirir conhecimentos, na minha trajetória como educadora e por estar realizando este trabalho. À minha mãe, por ser a grande responsável pela minha formação pessoal e profissional.

As minhas filhas Laura, Lívia e Lillian que muito me incentivaram e colaboraram nos momentos mais difíceis. Ao meu esposo Lauro, que muito apoiou nesta jornada e me encorajou em todos os momentos, principalmente na hora do desânimo e cansaço.

As minhas irmãs e meu irmão que sempre acreditaram na minha vontade de vencer. Aos meus netinhos Lucas e Lorena que sempre procurava não me atrapalhar no momento de estudo.

Aos meus genros, cunhados e a minha sobrinha Carolina que dedicou seu tempo e compartilhou sua experiência, facilitando uma melhor compreensão e esclarecendo minhas dúvidas, meu carinho e meu agradecimento.

As minhas tias Zilda e Marinete por me acharem batalhadora e uma mulher guerreira e corajosa, sempre perseverante.

A minha orientadora a professora Ms. Simone J. Cavalcante que com sua inteligência, educação e bondade me orientou para o término deste trabalho. A ela, tenho mesmo é que agradecer dizendo: obrigada, obrigada, obrigada.

As minhas colegas Lúcia, Maria José e Helena que estavam sempre otimistas para realizar este sonho de especializarmos cada vez mais na educação.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender o papel do professor(a) na leitura e na escrita, correlacionando o pensamento dos autores referidos na fundamentação teórica com as minhas práticas pedagógicas desenvolvidas em minha sala de aula. No decorrer do dia a dia em sala de aula, nos deparamos com esta questão: aluno(a) que não sabe ler nem escrever. O ato de escrever e ler são antes de tudo aprender a ler o mundo, já que o alfabetizando tem que se conscientizar da realidade em sua volta de forma crítica. Portanto, o tema escolhido para este estudo se justifica em uma preocupação em despertar nos alunos e alunas, o gosto pela leitura e escrita, abrir caminhos para que desenvolva estas competências com efetiva compreensão. A metodologia usada para o desenvolvimento desse trabalho foi realizada através de: pesquisa bibliográfica, análise e reflexão teórica, atividades desenvolvidas pelos alunos e alunas em sala de aula, bem como minha prática pedagógica considerando-a também como importante ferramenta nesse processo de construção do saber-aprender. Diante do exposto, pode-se concluir que a leitura e a escrita tem um papel muito importante na vida do aluno(a), pois permite que através do conhecimento o aluno(a) aumente a sua capacidade de compreender o mundo de forma crítica. Foi feita a pesquisa do referencial teórico de acordo com os aspectos relevantes com o tema, com os autores: Ferreiro (1996); Freire (1989), (1996); Martins (1991) e outros.

Palavras-chave: Professor(a). Leitura. Escrita.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	08
2. A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E DA ESCRITA	12
2.1 A leitura e a escrita nos anos iniciais e a formação do leitor crítico	17
2.2 O ensino e a aprendizagem da leitura e da escrita	18
3. O PAPEL DO DOCENTE NA FORMACÃO DO LEITOR	22
3.1 Dificuldades da aprendizagem na aquisição da leitura e da escrita: reflexões e desafios	23
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
5. REFERÊNCIAS.....	37

1. INTRODUÇÃO

O tema escolhido para este estudo “O papel do professor e professor(a) na leitura e na escrita” é uma preocupação em despertar nos alunos e alunas o gosto pela leitura e pela escrita, abrir caminhos para que se desenvolva estas competências com efetiva compreensão. Diante das problemáticas no campo da educação, tais como: não saber ler e escrever, aliados a desestrutura familiar, decorrente de fatores socioeconômico, cultural. Diante dos desafios em que somos cotidianamente interpelados a enfrentá-los, fico a pensar que quando nos deparamos com determinado grupo de crianças e adolescentes que não sabem ler e escrever, em especial na escola em que trabalho, sinto-me responsável em desenvolver esse trabalho com metodologias voltadas especialmente para facilitar uma melhor aprendizagem, levando os alunos e alunas ao objetivo proposto que é o domínio da leitura e da escrita, tornando-os capazes de desenvolverem atividades diversificadas. Claro que o objetivo central da educação não é somente ler, escrever e calcular, mas, para além dessas competências também tornarem-se aptos(as) a fazerem leitura de mundo e de suas próprias realidades como parte do processo ensino-aprendizagem.

O ato de escrever e ler são antes de tudo aprender a ler o mundo, já que o alfabetizando tem que se conscientizar da realidade em sua volta de forma crítica. Como diz Freire (1996, p.14) “a alfabetização e a consciência jamais se separam”.

Mais do que um método, precisamos de uma boa relação entre todos os sujeitos envolvidos no processo de alfabetização. Considerando esta como uma relação de intersubjetividades, ou seja, *Eu* e os *Outros* devemos, portanto, formar círculo de cultura, um momento em que todos e todas possam relatar suas vivências de acordo com as orientações e observâncias do convívio no universo da sala de aula. Faz-se destaque sobre o pensamento “freiriano”, ressaltando a valorização do diálogo com o alfabetizando sobre sua vivência além da escola – “De que forma entender as dificuldades durante o processo de alfabetização de alunos sem saber o que se passa em sua experiência em casa?” (FREIRE, 1996, p.111). Assim, criar um diálogo para saber dos acontecimentos fora da escola é necessário para colhermos indicações de pontos que podem complementar o processo de alfabetização.

O conhecimento é uma tradução, seguida de uma reconstrução. O conhecimento pertinente deve ser desenvolvido pelo ensino, é de ligar as partes ao todo e o todo as partes. Somo indivíduos de uma sociedade e fazemos parte de uma espécie. Estamos vivendo numa sociedade individualista, que desenvolve o egoísmo, por isso é importante compreender não só os outros como a si mesmo.

Diante deste estudo que aqui me proponho a realizar posso honestamente dizer que tenho esperança na educação e almejo de igual modo formar, através de determinadas ferramentas teórico-metodológicas e vivências dentro e fora da sala de aula cidadão se cidadãs efetivamente críticos e autônomos, pois, conforme Freire (1996, p. 59) “ensinar exige respeito à autonomia do ser educando”, a autonomia deve ser um dos eixos norteadores do processo ensino-aprendizagem sendo, as professoras e os professores os mediadores importantes desse processo, inclusive como uma prerrogativa ética “o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros” (FREIRE, 1996, p. 59).

No que diz respeito à qualificação profissional (que denominamos de formações continuada), essas trazem em suas proposituras a inovação ou “renovação” profissional na área da educação, sensibilizando, principalmente, os docentes sobre suas (nossas) responsabilidades, assinalando a importância do desenvolvimento intelectual como primordial na qualidade do ensino e da educação em geral.

Nessa direção, tive a oportunidade de ingressar no Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares¹, um curso de pós-graduação promovido em parceria entre a Secretaria de Estado da Educação, através da Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba e a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Ter participado deste curso como aluna, posso dizer que o mesmo refletiu de maneira positiva e significativa na minha prática pedagógica, uma ótima oportunidade para desenvolver novas habilidades e competências enquanto educadora formadora, compreendendo assim a função primordial da educadora e/ou educador no contexto da escola e, particularmente, da sala de aula, sobretudo, nossa função social.

Um currículo para formação de professores, para ser uma forma de política cultural, deve enfatizar a importância de tornar o social, o cultural, o político e o econômico

¹ Curso realizado presencialmente no período de tanto 2013 a tanto de 2014.

os principais aspectos de análise e avaliações da escolaridade contemporânea. (GIROUS, SIMOM 1984, p. 226, 238)

Retomando as reflexões sobre o curso avalio como proveitoso, as leituras enriqueceram-me, foram interessantes e produtivas, instigaram-me a novas descobertas e compreensões, principalmente, sobre os desafios do mundo contemporâneo. Aprendi muito, li bastante, acredito que amplie os horizontes dos saberes, mesmo enfrentado os desafios cotidianos e, ainda pertinentes na minha prática docente, no contexto educacional em que estou inserida. É bem verdade que de vez em quando sentia desânimo, cansaço, mas sempre vinha alguém estimular-me, dar-me forças, encorajando-me para a caminhada em busca de novos conhecimentos, de novos e outros saberes e práticas pedagógicas fundantes.

Os módulos apresentados tinham como suporte professores e professoras qualificados, tornando as aulas prazerosas e interativas. O curso fez-me alargar os conhecimentos científicos ver e entender muitas questões da educação, da cultura e da sociedade contemporânea em geral propiciou mudanças no meu modo de ensinar (na minha prática pedagógica) frente ao processo ensino-aprendizagem e nas formas de avaliação.

As temáticas abordadas, os debates e as experiências vivenciadas, contribuíram para a minha participação, para pensar melhor e deixando-me mais a vontade, fazendo com que também apresentasse as minhas opiniões. Esse Curso, mais do que nunca, foi de suma importância para mim, pessoal e profissionalmente. As questões refletidas e os temas estudados influenciarão (e, já estão influenciando) positivamente no meu trabalho. Minha mente ficou mais aberta às opiniões, bem como, desenvolver uma visão mais positiva das “coisas”, do mundo e das pessoas, tornando proveitoso para o bem comum. Certamente, proporcionou um novo foco tanto para minha vida profissional quanto pessoal. Aprendi que posso mudar e melhorar a aprendizagem daqueles que tanto dependem do meu trabalho, tendo novos métodos, atitudes e criatividade. Sei que sou capaz de realizar meus objetivos, meus sonhos e acredito que nada é impossível na educação.

Portanto, o tema escolhido para este estudo se justifica em uma preocupação em despertar nos alunos e alunas, o gosto pela leitura e escrita, abrir caminhos para que desenvolva estas competências com efetiva compreensão. De acordo com Maria Helena Martins (1991), defende que a idéia de leitura não está restrita às letras, mas sim, a todas as

nossas interpretações do que acontece ao nosso redor. Segundo Ferreiro (1999), a leitura e a escrita são sistemas construídos paulatinamente.

2. A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E DA ESCRITA

O principal desafio dos governos, estabelecimentos de ensino e docentes, no meio escolar, é o de levar o aluno ao aprendizado da leitura, escrita. O que deveria ser básico no processo ensino-aprendizagem se tornou um desafio aparentemente complexo para os educadores do século XXI: assegurar ao educando a aprendizagem escolar (PRADO, 1996).

Por que o domínio básico de leitura e escrita se tornou tão desafiador para o sistema de ensino escolar? Por que ensinar a ler não é tão simples? Como desvelar o enigma do acesso ao código escrito?

Em geral, quando nos deparamos com as dificuldades de leitura ou de acesso ao código escrito, esperamos dos especialistas métodos compensatórios para sanar a dificuldade. O fracasso do ensino escolar, no entanto, não é obra exclusiva da metodologia. Muitos são os fatores que favorecem o fracasso escolar.

Nenhuma dificuldade se vence com método mirabolante. O melhor caminho, no caso da leitura, é o entendimento linguístico, por parte dos docentes e discentes, do fenômeno linguístico que subjaz ao ato de ler. Ler é uma habilidade linguística e traz, por isso, todas as vicissitudes da linguagem verbal (SISTOS, 2001a).

Ler é, ao primeiro momento, um ato de soletrar, de decodificar fonemas representados nas letras; reconhecer as palavras, atribuir-lhes significados ou sentidos; enfim, ler, realmente, não é tão simples como julgam alguns leigos. Ler é uma habilidade das mais complexas no âmbito da linguagem. Qual, então, o papel do professor na formação de bons leitores? Que passos devem levar a efeito no exercício da leitura.

A leitura é uma das preocupações com a atividade pedagógica. Para as crianças esta prática é muito importante, assim o professor deve estimular na criança o ato da leitura, propiciando este contato com o mundo das letras, o professor estará contribuindo para a formação de leitores críticos.

De acordo com Maria Helena Martins (1991) defende que a ideia de leitura não está restrita às letras, mas sim, a todas as nossas interpretações do que acontece ao nosso redor, assim “a leitura do mundo procede sempre à leitura da palavra e a leitura desta, implica

continuidade da leitura daquele” (MARTINS, 1991, p. 10). Portanto, ainda segundo Martins desde os nossos primeiros contatos com o mundo, percebemos o calor e o aconchego de um berço diferentemente das mesmas sensações provocadas pelos braços carinhosos que nos enlaçam. Começamos assim a compreender, a dar sentido ao que e a quem nos cerca. Esses também são os primeiros passos para aprender a ler.

Teoricamente podemos definir a leitura como o ato de pronunciar palavras, de decodificar signos linguísticos. Ao pensar em leitura de maneira mais profunda, notamos que ao ler, além de decifrar palavras, damos sentidos a elas, a compreensão de maneira singular. A leitura também é associada à escrita, vivemos imersos num mundo capaz de possibilitar inúmeras situações de leitura, que vão além do texto escrito. Lemos e damos sentido às formas e compreendemos de variadas maneiras, podemos fazer isso através de uma pintura, de uma música, uma fotografia ou mesmo a realidade em que estão inseridos (MARTINS, 1991).

As investigações interdisciplinares vêm evidenciando mesmo na leitura do texto escrito, não ser apenas o conhecimento da língua que conta, e sim todo um sistema de relações interpessoais e entre várias áreas de conhecimento e da expressão do homem e das circunstâncias de vida. Os pesquisadores da linguagem dizem em crescente convicção: Aprendemos a ler lendo. Eu diria vivendo, bem como ressalta Maria Helena Martins(1991, p.14).

A autora tenta ainda caracterizar o processo de evolução da nossa capacidade de leitura. Ninguém nasce sabendo ler, aprendemos na medida em que se vive, não aprendemos apenas na escola e sim no cotidiano interagindo com o meio, a cada momento que se passa. Entendemos o mundo através da leitura, a leitura é fonte de prazer e sabedoria. A contação de histórias é uma atividade prazerosa para os alunos e alunas, elas participam com atenção na expectativa de chegar ao final do conto. Desenvolvem a leitura e escrita com atividades diversificadas relacionadas ao conto.

Em Vygotsky (1984), citado por Jobim e Souza (1994), o uso da linguagem se constitui na condição mais importante do desenvolvimento das estruturas psicológicas superiores (a consciência da criança). O conteúdo da experiência histórica do homem, embora esteja consolidado nas criações materiais, encontra-se também generalizado e reflete-se nas formas verbais de comunicação entre os homens sobre esses conteúdos. No desenvolvimento

cultural da criança, toda função aparece duas vezes: primeira em nível social e, mas tarde em nível individual. Esse processo de internalização quer dizer, de transformação de um processo interpessoal em um processo intrapessoal, implica a utilização de signos e supõe uma evolução complexa em que ocorre uma série de transformações qualitativas na consciência da criança. Dessa forma, estudar a constituição da consciência na infância não se resume em analisar o mundo interno em si mesmo, mas sim em resgatar o reflexo do mundo externo no mundo interno, ou seja, a interação da criança com a realidade.

Assim como a aprendizagem em geral e da leitura em particular significa uma conquista de autonomia, permite a ampliação dos horizontes, implica igualmente um comprometimento, acarreta alguns riscos. É fundamental para os educadores e educadoras que repensem sua prática profissional e passem a agir objetiva e coerentemente em face dos desequilíbrios e desafios que a realidade apresenta. Os educadores e educadoras devem dar condições aos alunos e alunas de criar sua própria aprendizagem, seus métodos, criando assim um leitor mais consciente.

Como educadora, devo estar constantemente advertida com relação a este respeito que é autonomia do ser educando, que implica igualmente o que devo ter de mim mesma. O respeito a autonomia e a dignidade de cada um, é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros, transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência.

A leitura se apresenta em três níveis básicos: o sensorial, o emocional e o racional. Dependendo das circunstâncias do texto, os três níveis básicos são usados simultaneamente.

A *leitura sensorial* é a primeira leitura que fazemos do mundo, a mais básica, se dá através dos nossos sentidos. A *leitura emocional*, segundo Maria Helena Martins (1991), nos emerge a empatia, tendência de sentir o que se sentiria caso estivéssemos na situação e circunstâncias experimentados por outro, isto é, na pele de outra pessoa, objeto ou personagem. Essa leitura tem o poder de liberar emoções, podendo trazer um misto de sentimentos como ao fazer uma leitura poderemos sentir satisfação ou profunda tristeza, ela (ou seja, a leitura pode ou não) transformar nosso interior. Já, a *leitura racional* pode se comparar como um processo abrangente, no qual o leitor e a leitora interagem com toda a sua capacidade a fim de aprender as mais diversas formas de expressão.

Na turma do terceiro ano do ensino fundamental, também uso como atividade as palavras geradoras, a partir da apresentação da palavra, as crianças relacionam o som dos fonemas com palavras que fazem parte do seu mundo. Com facilidade, participam da leitura das palavras, criam palavras que se originam dos fonemas apresentados, interpretam, desenham. A leitura é uma das habilidades mais importantes e fundamental que pode ser desenvolvida pelo ser humano.

A leitura constitui um fator decisivo de estudo, pois proporciona à ampliação de conhecimento, a obtenção de informações básicas, a abertura de novos horizontes para manter o enriquecimento do vocabulário. A leitura também tem como aprendizagem formar leitores críticos, capazes de refletirem sobre a realidade em que estão inseridos, analisarem suas próprias atitudes e comportamentos.

Segundo, Freire (1989, p15.)em suas análises e reflexões sobre “a importância do ato de ler”, nos faz pensar sobre nossa própria prática pedagógica e nossa maneira de olhar a realidade que vivemos, tentando cada vez mais melhorar as condições de vida dos nossos aluno e alunas, buscando estimulá-los para que, assim possam compreender melhor as percepções e visões do mundo em que vivem. A leitura do mundo foi sempre fundamental para a compreensão da importância do ato de ler, de escrever, de reescrever e transformar, através de uma prática consciente, ou seja, através da leitura compreender de forma mais ampla possível o meio sociocultural em que cada sujeito está inserido.

A leitura, já que é mais do que apenas decodificar palavras, passa a ser uma ferramenta eficiente para o processo educacional. A leitura é uma atividade básica na formação cultural do ser humano, atende a diversas finalidades, entre elas o senso crítico aguçado e uma maior percepção das leituras diversas, leituras intelectuais e do mundo, permitindo assim analisar toda e qualquer leitura.

Ainda de acordo com Paulo Freire (1989), existe uma sequência de diferentes momentos no ato de ler, os quais começam desde a infância até a idade adulta, esses momentos são responsáveis pela leitura do mundo, das palavras e dos textos. Os diferentes momentos no ato de ler, acontece de maneira mais diversificada. A criança na pré-escola, faz a leitura do mundo, de tudo que o rodeia, outros momentos acontecem com a criança nos anos seguintes, a leitura é feita juntamente com sua realidade através da leitura da palavra desenvolvida pela compreensão crítica, constituindo a prática da leitura com frases e textos.

Podemos concluir que o alfabetizando aprende mais a partir de sua realidade do que a que está sendo imposta pelo alfabetizador (a). É com este método construtivista² que o alfabetizando (a) aprende através da sua construção e não da memorização.

A alfabetização é a criação ou a montagem da expressão escrita e da expressão oral. Esta montagem pode ser feita pelo educador ou educadora para ou sobre o alfabetizando(a). Desse modo, se tem um momento de sua tarefa criadora (FREIRE, 1989, p. 13).

Sobre uma pedagogia democrática e crítica Freire (1981) assevera que a leitura do mundo e a leitura da palavra estão dinamicamente juntas. O comando da leitura e da escrita se dá partir de palavras e de temas significativos, a experiência comum dos alfabetizados e não de palavras e de temas apenas ligados à experiência do educador ou educadora. Na década de 1960, Paulo Freire levantou uma questão interessante para a educação de jovens e adultos que foi a utilização de temas significativos para os educandos e educandas, denominado de “temas geradores” de aprendizagem, através dos quais os professores e professoras e os alunos e alunas se debruçam sobre aspectos do cotidiano, interligando-os ao universo conhecido dos alfabetizados (as) e ao impulso para novas descobertas. Os temas geradores possibilitam o desenvolvimento maior dos alunos e alunas no processo ensino-aprendizagem, o tempo passa a ser melhor aproveitado na sala de aula, os alunos e alunas acabam exigindo mais conhecimentos e são levados a pensar, refletir e aprender conceitos básicos das áreas de conhecimento.

A aprendizagem acontece de maneira satisfatória e processual porque a discussão é gerada a partir do que se tem interesse e necessidade em aprender. O trabalho com temas geradores ajudam a organizar as tarefas em sala de aula, possibilitam uma aprendizagem significativa para os alunos e alunas que estarão mais atentos e concentrados, portanto, ouvir os interesses dos que vão aprender, é um bom método para selecionar as temáticas. Aos alunos e alunas que não estão interessados procuro conscientizá-los (as) a participação mostrando o quanto é importante desenvolver aquela atividade, dizendo que eles são capazes, dando autonomia em suas decisões no desenvolvimento do conteúdo aplicado.

² O método construtivista fundamenta-se na escrita, pois acredita que o aluno tem condições de se alfabetizar sem ajuda de cartilhas e mecanismos que o induzem a decorar, refletir mecanicamente, declamar, transmitir e aprender o que está acabado.

A leitura e a escrita são habilidades que podem ser aperfeiçoadas ao longo do tempo e que a escrita pode ser usada com autonomia para se ter acesso a informações e continuar aprendendo. O inacabamento do ser ou sua inconclusão é própria da experiência vital. Onde a vida há inacabamento. Em lugar de estranha a conscientização é natural ao ser, que inacabado, se sabe inacabado, inscreve o ser consciente de sua inconclusão num permanente movimento de busca.

Na aprendizagem inicial as práticas utilizadas são muitas vezes baseadas na junção de sílabas simples, memorização de sons, decifração e cópia. Tais maneiras fazem com que a criança se torne um espectador passivo ou receptor mecânico, pois não participa do processo de construção do conhecimento. Priorizo atividades significativas e lúdicas permitindo que os alunos e as alunas tragam experiências e seus conhecimentos espontâneos, a partir daí passo a orientá-los(as) na compreensão da forma de pensar, sentir e agir, estabelecida com sua cultura e proporcionadas com o ambiente escolar como um todo.

Para Ferreiro (1999) a leitura e a escrita são sistemas construídos paulatinamente. As primeiras escritas feitas pelos educandos no início da aprendizagem devem ser consideradas como produções de grande valor, porque de alguma forma os seus esforços foram colocados nos papéis para representar algo – assim “a alfabetização não é um estado ao qual se chega, mas um processo cujo início é, na maioria dos casos, anterior à escola e que não termina ao finalizar a escola primária” (Ferreiro, 1999, p. 47). A autora defende que de todos os grupos populacionais as crianças são as mais facilmente alfabetizáveis e estão em processo contínuo de aprendizagem, enquanto que os adultos já fixaram formas de ação e de conhecimento mais difíceis de modificar. Procuro desenvolver no processo de leitura e escrita algo relacionado ao seu mundo, as crianças são altamente alfabetizáveis. Eles e elas constroem seu sistema de interpretação, pensa, raciocina e inventa, buscando compreender esse objeto social complexo que é a leitura e a escrita.

2.1 A leitura e a escrita nos anos iniciais e a formação do leitor crítico

Para que haja formação do leitor, é preciso realizar uma leitura estimulante, diversificada, crítica e reflexiva, porém prazerosa. Cada criança que chega a escola está em fase diferente de alfabetização, isto é, possuem diferentes conhecimentos de acordo com a realidade em que está inserida. Dessa maneira, o ambiente escolar deve ser preparado e pensado para proporcionar inúmeras interações com a língua oral e escrita.

Resgata-se, portanto o papel da escola como ambiente motivador em potencial para os futuros leitores. Ressalta-se a importância do professor e do contador de histórias, pois são indivíduos que tem em suas mãos outros indivíduos. São formadores e podem transformar os hábitos e as atitudes dos pequenos tornando-os leitores, seres que possam ver o mundo numa perspectiva diferente e que sejam conscientes, lendo as linhas nas entre linhas e o texto no contexto (PERES, 2009, p. 11-12).

A orientação e o acompanhamento do educador, com a finalidade de incentivar o interesse do aluno pela leitura, não deve ser de forma “obrigatória” pois o leitor necessita de liberdade. Quando imposta, cobrada e avaliada por meio de provas ou fichas de leitura, com certeza este tipo de avaliação afastará o educando da leitura. O professor deve escolher que tenham identificação, diretamente relacionada com a vida de seus alunos, para aproximar e resgatar o interesse, a magia, que há nos livros e suas histórias. Prado (1996, p. 8) afirma dizendo que “[...] algo muito urgente para todas as escolas, e cuja falta tanto vem contribuindo para o esvaziamento cultural do povo brasileiro: a leitura. Os livros literários”.

Nessas atividades de “contação de histórias” que são desenvolvidas na sala ou fora dela, dentre as metas dessas ações está de proporcionar a essas crianças momentos agradáveis, despertando-lhes a imaginação e motivando para a leitura. A “contação de histórias” é algo fascinante, pois seduz a todos e permite abrir novos horizontes para ver o mundo que o cercam com outros olhos. Ela nos traz reflexão, distração, tem o poder de desvendar vários sentimentos no leitor, fazendo com que se torne crítico e aprimore sua capacidade de pensar, é preciso valorizar mais o espaço escolar.

2.2 O ensino e aprendizagem da leitura e da escrita

Na escola, crianças e os adolescentes precisam ter contato com diferentes textos, ouvir histórias, observar adultos lendo e escrevendo. Precisam participar de uma rotina de trabalho variada e estimulante e, além disso, receber muito incentivo dos professores e da família para que, na idade adequada, aprendam a ler e escrever. (MEC, 2006, p. 05).

O pouco acesso à cultura escrita se deve às condições sociais e econômicas em que vive grande parte da sociedade. O aluno que vê diariamente os pais folheando revistas, lendo correspondências e utilizando a internet tem muito mais estímulo de aprender a língua escrita do que aquele em que seus pais têm pouca escolaridade. Isso ocorre porque ao observar os adultos a criança percebe que as letras possuem significados e assimilam alguns comportamentos como folhear livros, pegar na caneta para brincar de escrever ou mesmo contar uma história imaginária.

O ponto de partida para democratizar o contato com a cultura escrita é tornar o ambiente alfabetizador: a sala deve ter livros, cartazes com listas, nomes e textos elaborados pelos alunos (ditados ao professor) nas paredes e recortes de jornais e revistas do interesse da garotada ao alcance de todos. Esses são alguns exemplos de como a classe pode se tornar um espaço provocador para que a criança encontre no sistema de escrita um desafio e uma diversão. Outra medida é ler diariamente para a turma, pois a criança que lê pelos olhos do professor, porque ainda não pode fazer isso sozinha, vai se familiarizando com a linguagem escrita. (CAVALCANTE, 2006, p. 24).

Elas devem escrever sempre, mesmo quando a escrita parece apenas rabiscos, garatujas. Ao pegar o lápis e imitar os adultos, elas criam um "comportamento escritor". E, ao ter contato com textos e conhecer a estrutura deles, podem começar a elaborar os seus. Segundo os PCNs, é necessário que o educador leia vários textos para aqueles que ainda não sabem ler e seja escriba daqueles que ainda não sabem escrever.

Quando são lidas histórias ou notícias de jornal para crianças que ainda não sabem ler e escrever convencionalmente, ensina-se a elas como são organizados, na escrita, estes dois gêneros: desde o vocabulário adequado a cada um, até os recursos coesivos que lhes são

característicos. Um aluno que produz um texto escrito, isto é, um texto cuja forma é escrita ainda que a via seja oral. Como o autor grego, o produtor do texto é aquele que cria o discurso, independente de grafá-lo ou não. Essa diferenciação é que torna possível uma pedagogia de transmissão oral pra ensinar a linguagem que se usa para escrever. (PCN, 1997, p. 28).

A aquisição da escrita alfabética não indica que o educando seja capaz de compreender e produzir textos escritos. O educador deve trabalhar com diversos textos, principalmente aqueles que circulam socialmente, para estimular a aprendizagem.

O gosto pela leitura é construído num processo que é simultaneamente individual e social, pois o ouvir histórias é para quem sabe e para quem não sabe ler. O educador deve compreender e entender as dificuldades das crianças, estimulando-as a ouvir e produzir textos, desenvolvendo assim as competências e habilidades individuais de cada uma, estimulando a leitura como instrumento de libertação, criatividade e reflexão crítica. A leitura é de fundamental importância para a construção e reconstrução do conhecimento de mundo. É importante lembrar que a leitura de um texto faz o leitor criar, recriar, escrever, reescrever ou produzir outro texto, resultante das experiências e da interação social. Além disso, a leitura auxilia no desenvolvimento da escrita, que é algo necessário e imprescindível, para a formação do leitor/escritor.

Na minha prática pedagógica, desenvolvo com a turma leituras diárias disponibilizadas em sala de aula através de livros diversificados, revistas, gibis, cartelas com nomes de alunos, jogos com letras e palavras, produções das próprias crianças com desenhos e escritas.

Leio e conto histórias juntamente com as crianças, comento as histórias lidas, reconto as histórias, faço relações com outros textos conhecidos.

As crianças participam diariamente de atividades planejadas para aprendizagem progressiva do funcionamento da escrita, com exercícios para analisar os sons da fala, reconhecimento de letras e palavras, comparação de palavras, ditado com várias palavras que aparecem no texto, escrita individual e escrita em grupo. Semanalmente os alunos participam de atividades nas quais podem conhecer e exercitar os diferentes usos da leitura e da escrita no dia a dia.

Como incentivadora da leitura e da escrita uso atividades que ajudam as crianças na compreensão e interpretação dos textos livres. Antes da apresentação dos textos conheço o conteúdo que os alunos irão ouvir e ler posteriormente, gerando expectativas em relação aos textos, faço perguntas levando em consideração as suposições sobre a história. Com comentários e perguntas sobre o que ouviram e leram, promovo diálogo, assegurando que todos desenvolvam a atitude de ouvir a interpretação dos colegas.

3. O PAPEL DO DOCENTE NA FORMAÇÃO DO LEITOR

Nas atividades de leitura para a formação do leitor crítico, utilizo a prática de leituras variadas que promovam de maneira direta e indireta, uma reflexão sobre o contexto social em que estão inseridos. É preciso que haja estímulo por parte de nós, educadores, aos seus alunos para que seja efetivada a formação de leitores, a leitura não deve ser encarada como uma obrigação, um dever, e sim como uma atividade prazerosa. As estratégias de leitura envolvem vários tipos de conhecimentos e várias habilidades para o leitor ao utilizar o texto.

O professor (a) deve se empenhar para que com o meu empenho e com o empenho dos alunos(as), formarei leitores críticos capazes de responder às suas necessidades pessoais, ter desempenho melhor nas demais disciplinas com as quais tem contato na escola.

A formação docente é um dos principais entraves a uma prática educativa de qualidade, especialmente no que se refere ao ensino da leitura, pois o que se percebe é certo conformismo e desgosto pela leitura presente na comunidade escolar, tornando-a, assim, uma prática desmotivadora tanto para o educador quanto para o educando. Mesmo que todos os quesitos ideais necessários a uma prática de ensino da leitura fossem efetivados na escola, seria indispensável a presença de professores leitores, que sentissem prazer na leitura, que fossem bem informados e instrumentalizados para tal prática.

Na leitura, o diálogo do aluno é com o texto. O professor, mera testemunha desse diálogo, é também leitor, e sua leitura é uma das leituras possíveis. Se considerarmos algumas posturas ante a leitura de um texto, talvez a sua prática na escola cumpra a verdadeira interlocução com seus possíveis leitores e contribua para um “incentivo à leitura”. (GERALDI, 2004, p. 91).

O ato da leitura é importante nessa fase para transformar o aluno leitor passivo em leitor sujeito, pois, só através dessa ação, ele se tornará capaz de construir sua própria leitura e analisar sua visão de mundo. Paulo Freire (1989, p. 9) enfatiza que o ato de ler “[...] Primeiro, a “leitura” do mundo, do pequeno mundo em que me movia; depois a leitura da palavra que nem sempre, ao longo de minha escolarização, foi a leitura da “palavramundo”.

Além disso, a inserção da leitura, no contexto escolar, deve ser de forma dinâmica e agradável, utilizando-se, por exemplo, do caráter lúdico que pode ser dado às estratégias de leitura. Dessa forma, enquanto o aluno “aprende a ler”, estará, ao mesmo tempo, desenvolvendo a sociabilidade e a integração. O gosto de ler, portanto, será adquirido gradativamente, através da prática e de exercícios constantes.

O trabalho com a linguagem se constitui um dos eixos básicos na educação infantil, dada a sua importância para a formação do sujeito, para a interação com as outras pessoas, na orientação das ações das crianças, na construção de muitos conhecimentos e no desenvolvimento do pensamento. (RCNEI, 1998, p. 117).

O papel da escola é fundamental nesse processo, no qual o professor, sendo o principal agente no processo de melhoria da qualidade do ensino, poderá realizar uma série de atividades que favoreçam a aproximação do educando com a leitura. Para que essa prática se torne interessante ao outro, ela deve ser introduzida de maneira agradável e estimulante e não de maneira autoritária e em forma de obrigação, pois ela é a condição essencial para o bom desempenho da linguagem oral e escrita.

3.1 Dificuldades da aprendizagem na aquisição da leitura e da escrita: reflexões e desafios

Para as dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita em alguns alunos da minha turma desenvolvo atividades diversificadas como: apresentação de palavras novas, cujas sílabas já foram vistas com conhecimento de como pronunciá-las, jogos pedagógicos, possibilitando a todos uma melhor condição de aprender de forma mais significativa e concreta as questões relacionadas à leitura e escrita trabalhadas em sala de aula.

A leitura frequente leva a criança a detectar regularidades e redundâncias presentes na linguagem escrita. O objetivo de desenvolver a leitura e escrita através dessas atividades é que a criança chegue a formar para si própria um sistema de auto melhoria, ela passa a aprender mais e mais a respeito da leitura cada vez que lê.

Durante o século XVIII e XIX Scoz (1996) já se preocupava com a relação binária

normal-anormal. Nessa época, as crianças que não acompanhavam o “ritmo” estabelecido pelo grupo eram rotuladas e estigmatizadas de incapazes. Acompanhando esta tendência, os psicólogos passaram a ter um papel no grupo educacional, através do uso de instrumentos avaliativos, que pudessem intervir nos problemas de aprendizagem da criança e, geralmente, ficavam associados ao ambiente familiar (alcoolismo do pai, divórcio, etc.).

Em seguida, na década de 60, esse problema do fracasso escolar tomou espaço dentro do discurso pedagógico, através da neurologia, atribuindo à Síndrome da Disfunção Cerebral Mínima (DCM) a responsabilidade das dificuldades apresentadas pelo aluno Scoz (1996) afirma que 40% das crianças atendidas em consultório neste período eram assim diagnosticadas. No sentido de rever a forma com a qual a educação estava se delineando em relação aos problemas de aprendizagem, nos anos 60 surge a Escola Nova, que suscita questionamentos relacionados à doença e ao fracasso escolar.

Já nos anos 80, a Psicopedagogia formada por equipe multidisciplinar apresenta um novo corpo de conhecimento e postura em relação aos problemas de aprendizagem e ao fracasso escolar. Há uma revisão de situação, onde a pobreza deixa de ser considerada a causa do fracasso, advindo dos déficits de aprendizagem ou da privação culta.

Este repensar do fracasso escolar, hoje, faz com que redimensionemos o estigma e o preconceito em relação ao aluno, conforme afirma Dotti (1992, p.25). Assim sendo, sabemos que a questão do fracasso escolar está mais ligada aos preconceitos que temos a respeito da criança e da pobreza. Na realidade, não procuramos ver as crianças e as classes populares sob a ótica de uma matriz dialética, vemos o que a criança tem de feio e bonito; desconsideramos a sua diversidade contextual.

Na visão Psicopedagógica faz-se necessário compreender a inter-relação de vários fatores, sejam eles: hereditários, sociais, culturais, pedagógicos, psicológicos e/ou orgânico. Isto se quiser compreender globalmente o desenvolvimento da criança e para não fazer avaliações superficiais que estigmatizem o aluno, reforçando uma baixa auto-estima cheia de preconceitos do professor e do meio com relação a ele. Mais do que adotar esta ou aquela teoria de aprendizagem, o educar hoje, precisa construir uma postura de respeito diante dos diferentes saberes, dos saberes dos outros, repensarem mais sobre o papel e a função da escola nessa sociedade ainda discriminatória e excludente.

Quando se fala em dificuldades de aprendizagem, não se pode deixar de considerar que, historicamente, a atenção nesse campo era mais voltada para as crianças, devido ou à defasagem em todas ou algumas matérias específicas ou a um comportamento considerado inadequado. De certa forma, eram esses os critérios que orientavam a classificação de crianças com dificuldades de aprendizagem. Ao lado disso, não existe uma definição aceita universalmente do que seria considerada uma "dificuldade de aprendizagem", devido à heterogeneidade de sintomas. Sabe-se que, no Brasil, o campo das dificuldades de aprendizagem não tem sido considerado dentro da educação especial, sendo somente uma manifestação do fracasso escolar, caracterizado pela evasão escolar e repetência (SISTO, 2001 a).

Em qualquer época da vida as pessoas podem manifestar dificuldades de aprendizagem. Assim o termo dificuldades de aprendizagem englobaria um grupo heterogêneo de transtornos que se manifestariam em dificuldades em tarefas cognitivas podendo ocorrer em pessoas normais, sem problemas visuais, auditivos ou motores, além de, aparentemente, estarem relacionados a problemas de comunicação, atenção, memória, raciocínio, entre outros, ou se manifestarem concomitantemente a eles. Podem ocorrer ainda dificuldades momentâneas e/ou em áreas específicas, abrangendo várias áreas de conhecimento (SISTO, 2001 b). Dentre as várias manifestações de dificuldades de aprendizagem, este estudo focaliza a dificuldade de aprendizagem da leitura e da escrita.

Na concepção de Fernandez (1991) as dificuldades de aprendizagem são como um sintoma ou fraturas no processo de ensino e aprendizagem, onde necessariamente estão em jogo quatro níveis: o organismo, o corpo, a inteligência e o desejo. A dificuldade para aprender, segundo a autora, seria o resultado da anulação das capacidades e do bloqueio das possibilidades de aprendizagem de um indivíduo, como se houvesse um aprisionamento da inteligência. Porém, no seu entendimento, origem das dificuldades ou problemas de aprendizagem não se relaciona apenas à estrutura individual da criança, mas também à estrutura familiar a que a criança está vinculada.

Focalizando estas dificuldades de aprendizagem na aquisição da leitura e da escrita, é possível identificar dificuldades distintas. Coelho (1991), por exemplo, aponta as dificuldades de aprendizagem neste processo dividindo-as em quatro categorias: dificuldade na leitura oral referente à percepção visual e ou auditiva alterada, a criança recebe informações cerebrais distorcidas e frequentemente confunde, troca, acrescenta ou omite

letras e palavras; dificuldade na leitura silenciosa, relacionada à distorção visual a criança apresenta lentidão e dispersão na leitura, perdendo-se no texto e repetindo palavras ou mesmo frases e linhas inteiras; dificuldade na compreensão da leitura em razão da deficiência de vocabulário e à pouca habilidade reflexiva, a criança apresenta sérios obstáculos em entender o que está escrito; dislexia: dificuldade na identificação dos símbolos gráficos desde o início da alfabetização, acarretando fracassos futuros na leitura e na escrita.

Para desenvolver uma melhor aprendizagem na leitura e na escrita, com o objetivo de proporcionar ao alunado um bom senso crítico a respeito de sua realidade, utilizo atividades diversificadas, como:

- a) Cruzadinha: é uma atividade que coloca em foco a quantidade de letras necessárias para escrever uma palavra e quais letras utilizar em função do cruzamento das palavras. Pode se notar que a mesma contribui para o processo de ensino-aprendizagem da escrita e leitura, na qual a criança assimila o conteúdo sem perceber que se trata de um método de ensino.

CRUZADINHA HIGIÊNICA

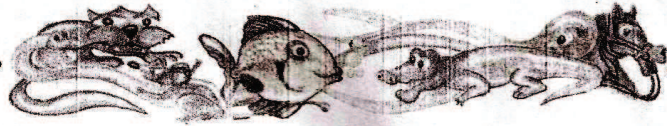
Letras Limpas

- Completar o quadro abaixo:

PALAVRA	LETRA INICIAL	LETRA FINAL	TOTAL DE LETRAS
PENTE	P	E	5
ESCOVA	E	A	6
SABONETE	S	E	8
TALCO	T	O	5
COTONETE	C	E	8

b) Caça-palavras: ajuda a criança de uma forma divertida, desenvolve a mente e o cérebro, ajuda no raciocínio, na lógica e na atenção. Descobre o significado das

palavras difíceis que se vê no dia a dia e leva a criança a perceber a forma correta da escrita.



Leia com sua classe a quadrinha. Sua professora orientará o trabalho.



Ciranda, cirandinha,
vamos todos cirandar.
Vamos dar a meia volta,
volta e meia vamos dar.

No caça-palavras você encontrará palavras que você acabou de ver. Então, ao trabalho!

R	V	A	M	O	S	T
C	I	R	A	N	D	A
H	V	O	L	T	A	J
M	S	N	D	A	R	E
X	M	E	I	A	W	K

Escreva aqui as palavras que se repetiram na quadrinha.

VAMOS, VAMOS, MEIA-VOLTA-DAR

Escreva aqui as palavras que começam do mesmo modo.

CIRANDA-CIRANDINHA-CIRANDAR.

- c) Trava-língua: tem a finalidade de conhecer as variações textuais, desenvolvendo a linguagem oral, favorecendo a aquisição da base alfabética, aumentando o volume da escrita.

A necessidade de rapidez e de repetições de palavras com sons semelhantes estimulam a atenção e a concentração dos alunos e alunas despertando o gosto pela leitura e aguçando a curiosidade a respeito dos trava-línguas.

Leia o texto

O PATO PEREIRA

O PATO PEREIRA
PULOU A PORTEIRA,
CAIU NA PEDREIRA,
SAIU NA CARREIRA,
TROPEÇOU NA PENEIRA
E FOI PARAR
NO PRIMEIRO ANDAR
DA PRATELEIRA...



8-O texto acima é:

poema trava-língua carta

9-De acordo com texto, marque a resposta certa.

A)-O nome do pato é:

Pedreira Pereira Parreira

B)-O pato pulou a:

porteira pedreira peneira

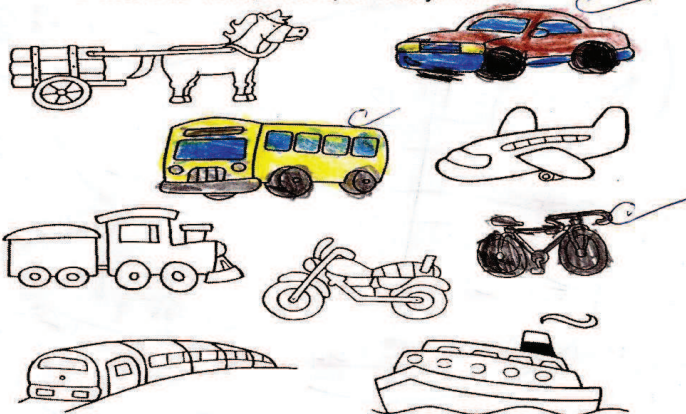
C)-O pato caiu:

na pedra no buraco na pedreira

D)- O pato foi parar:

no segundo andar no primeiro andar no terceiro andar

10-Pinte os meios de transportes que você já utilizou:



d) Produção de texto: na produção de texto, o aluno (a) tem a possibilidade de se expressar através da linguagem escrita, deixando de ser um simples leitor, para atuar também como autor, como produtor de um texto. É nesse momento que a criança tem liberdade para criar, usar sua imaginação e expressar o que sente, mostrando sua criatividade, expressando seus sentimentos.

17-Observe a gravura e produza um pequeno texto sobre a sua cidade:

MINHA CIDADE



Tem prédios altos, uma igreja, tem casas e apartamentos, tem grandes arranha-céus, tem helicópteros.

cf

e) Produção de livrinhos: tem o objetivo de ampliar a qualidade e diversidade dos comentários sobre a história, desenvolvendo sensibilidade diante das singularidades da história como autor, ilustradores, socialização de sentimentos e percepções a partir do texto.

Os alunos tiveram a oportunidade de realizar produções textuais e leituras feitas a partir do questionamento e puderam lê-las ao grupo, sem a exigência das correções linguísticas inicialmente, para depois realizarem as devidas correções.

Branca de Neve e os sete anões



Nome: MÁRIO BATISTA

Série: 3º

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existem várias maneiras de incentivar a leitura, ato de grande relevância no contexto escolar, social, econômico entre outros. Através da leitura abre-se um leque de resultados positivos para toda faixa etária.

É nos espaços escolares que configura um bom lugar para construir uma consciência acerca da importância de ler, e esse papel dentro da escola cabe ao professor (a). Contar histórias todos os dias para os alunos(as) estabelece aos poucos a percepção de que o ato de ler é um hábito do cotidiano, e assim começa tomar gosto pela mesma. O professor (a) é um grande formador de opinião, devido a essa aptidão ele pode, a partir das primeiras séries, implantar conceitos de leitura e prática diária gerando leitores ativos.

O educador (a) deve compreender o seu papel de forma significativa ao aluno (a), onde ele (a) possa escrever, ler e compreender o significado dos diferentes tipos de textos de uso social até o término do mesmo, sendo também a meta principal do mesmo. Portanto deve ter a preocupação não só em ensinar a grafia das letras e sua decodificação, mas sim, em favorecer a obtenção de uma série de competência ao aluno (a).

Ao término deste trabalho, posso dizer como educadora que a leitura e a escrita tem um papel muito importante na vida do aluno (a). Para a formação de bons leitores (as) e escritores (as) preciso ter compromisso em desenvolver práticas que tenham como objetivo obter resultado positivos que contribuirão com a melhoria do processo ensino-aprendizagem.

E como se trata de uma prática social complexa, a leitura pode ser convertida em objeto de aprendizagem preservando sua natureza e sua complexidade sem descaracterizá-lo.

As metodologias usadas no processo da leitura e da escrita foram voltadas especialmente para facilitar uma melhor aprendizagem, tornando-os capazes de se tornarem bons leitores(as) críticos, os conhecimentos adquiridos juntamente com a sua vivência, o seu mundo podem discernir o melhor para a sua vida e compreender não só os outros como a si mesmos.

Dentro desse contexto o papel do professor exerce função determinante para o trabalho de desenvolver o hábito pela leitura e escrita. Contudo, o professor precisa ter uma preparação teórica e metodológica para trabalhar a leitura e a escrita na escola a partir de uma experiência vivenciada pelo próprio aluno.

Existem várias formas da atuação do professor na educação, uma para fazer os alunos se adaptarem ao meio, ou seja, aceitar o que está sendo imposto pela sociedade, ou libertar e transformar a situação vivenciada pelo país com uma vontade de sair desse patamar de holocausto para um nível diferente, superior, sem alienação. Levando-se em consideração que isso somente irá acontecer se a própria sociedade conscientizar-se que a mudança pode ocorrer, se a acomodação deixar de existir e a ação começar a ocorrer a partir da problemática que incomoda e exige mudança.

Qualidade e quantidade de leitura caminham juntas, é muito importante que o aluno compreenda o que está lendo, que possa reconhecer a idéia principal, identificar detalhes, perceber sutilezas, desenvolver senso crítico, estabelecer relações dentro e fora do texto, transpondo para a sua realidade situações e emoções.

É por base da leitura que o aluno contribuirá consigo próprio, ao ler ele certamente irá compreender e dialogará melhor diante da sociedade. A leitura é uma atividade essencial na vida do ser humano, pois, lhe dar ampla visão do mundo sem contar que o hábito que se adquire não só em sala de aula, mas, em meio a toda sociedade.

A participação do professor como mediador no processo de construção cognitiva é de suma importância, por isso ele deve saber como vai trabalhar com a leitura para ajudar o aluno sobre essa reflexão crítica.

O ensino da leitura e da escrita deverá ser significativo, ou seja, estar ligado aos contextos sociais dos sujeitos da aprendizagem, pois, faz parte do exercício da cidadania. As escolas precisam promover a educação para todos os indivíduos, a fim de que participem ativamente da sociedade, despertando no educando os aspectos cognitivos, emocionais e, sobretudo, sociais.

O curso de especialização contribuiu muito no meu desenvolvimento intelectual e profissional, inovando métodos para melhor desenvolver conteúdos e atividades dentro e fora

de sala de aula, aumentando o meu compromisso com o ensino-aprendizagem em relação à leitura e a escrita e demais problemáticas na educação.

5. REFERÊNCIAS:

CAVALCANTE, Meire. *Alfabetização: Todos podem aprender*. Nova Escola, São Paulo, SP, ed. 190, mar 2006.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil - teoria, análise, didática*. 5ª ed.. São Paulo: Ática, 1991.

DOTTI, Corina. Fracasso escolar e classes populares. *In: GROSSIN E. Bordin J. Paixão de aprender*. 6. Ed. Vozes, 1994.

FERNÁNDEZ. A. *A inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e da família*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo, 23 ed. São Paulo, 1989.

GERALDI, João Wanderley. *O texto na sala de aula*. 3 ed. São Paulo: Ática, 2004.

MEC, SECRETARIA DA EDUCAÇÃO BÁSICA. *Indicadores da Qualidade na Educação: Dimensão Ensino e Aprendizagem da Leitura e da Escrita*. São Paulo:Ação Educativa, 2006. p. 05.

PERES, Giani. *Contar Histórias: Professor-contador contribui para a aprendizagem dos alunos*. Revista do Professor, Rio Pardo, RS, nº 99, p. 10-12, jul/set 2009.

PARÂMETRO CURRICULAR NACIONAL. *Língua Portuguesa*. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1997.

PRADO, Maria Dinorah Luz do. *O livro infantil e a formação do leitor*. Petrópolis:Vozes, 1996. 76 p.

REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 3 vol., 1998.

SCOZ, Beatriz. *Psicopedagogia e Realidade escolar*. 3. Ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

SISTO, F. F. Dificuldades na aprendizagem e na escrita: um instrumento de avaliação (ADAPE). In F.F. Sisto, E. Boruchovitch, L. D. T. Fini, R. P. Brenelli; S. C. Martinelli (Orgs.) *Dificuldades de aprendizagem no contexto psicopedagógico*. Petrópolis: Vozes, 2001a. p. 190-213.

SISTOS, F. F. Dificuldades de aprendizagem. In F.F. Sisto, E. Boruchovitch; L. D. T. Fini; R. P. Brenelli, & S. C. Martinelli (Orgs.), *Dificuldades de aprendizagem no contextopsicopedagógico*. Petrópolis: Vozes, 2001b, p. 19-39.

FERREIRO, Emília. *O processo de alfabetização da criança*. 20 ed. São Paulo, 1996.

GIROUX, Henry.; MCLAREN, Peter. Formação do professor como uma contraesfera pública: a pedagogia radical como uma forma de política cultural. In: MOREIRA, Antonio Flavio e SILVA, Tomaz Tadeu (orgs.). *Currículo, cultura e sociedade*. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 141-173.

JOBIM E SOUZA, Solange. *Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin*. Campinas, SP: Papirus, 1994. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico)

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura?* São Paulo, Editora Brasiliense, 1991.

